Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172

UCRÂNIA / Em teleconferência, presidente norte-americano adverte Vladimir Putin que progresso diplomático depende de desescalada e volta a ameaçar Moscou. Líder da Rússia alerta que imposição de sanções econômicas seria "erro colossal"

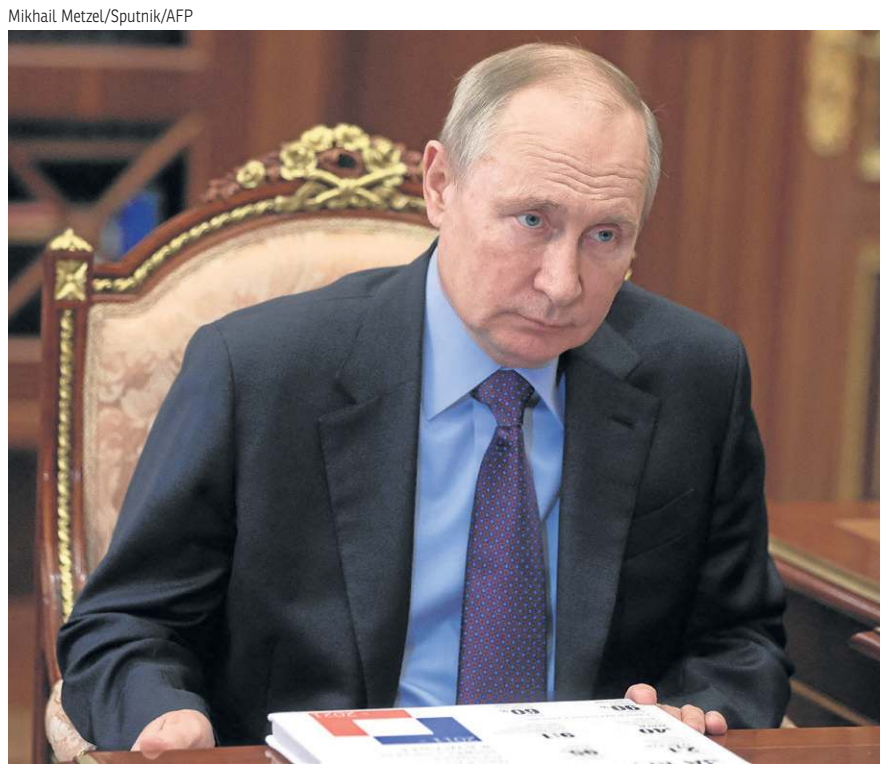
Biden fala em resposta "firme" contra invasão

» RODRIGO CRAVEIRO

Casa Branca/AFP

Biden dialoga com o colega russo de sua casa em Wilmington (Delaware)

Mikhail Metzel/Sputnik/AFP



Putin se reúne com assessores, no Kremlin, antes de falar com o americano

Durou 50 minutos a segunda conversa por teleconferência entre os presidentes Joe Biden (Estados Unidos) e Vladimir Putin (Rússia) em 23 dias. Enquanto os dois líderes buscavam formas de amenizar a tensão na Ucrânia, pelo menos 100 mil soldados de Moscou aguardavam ordens, na fronteira com a ex-república soviética. Washington teme que Moscou prepare uma invasão ao território ucraniano, quase oito anos depois da anexação da Península da Crimeia. Na reunião virtual de ontem, Biden propôs que a desescalada da crise ocorra pelas vias diplomáticas, mas ressaltou que os Estados Unidos responderão "firmemente" a qualquer ofensiva na Ucrânia. De acordo com ele, os progressos diplomáticos dependem de uma distensão por parte do Kremlin.

No próximo dia 10, a subsecretária de Estado norte-americana, Wendy Sherman, e o vice-chanceler russo, Sergey Ryabkov, chefiarão suas respectivas delegações durante negociações a serem realizadas em Genebra. Segundo a rede de TV CNN, autoridades do Pentágono e do Conselho de Segurança Nacional participarão do encontro.

A teleconferência entre Biden e Putin começou às 15h35 de ontem pelo horário de Washington (17h35 em Brasília e 23h35 em Moscou). A Casa Branca divulgou foto em que o presidente democrata aparece ao telefone, dentro de um quarto com paredes de madeira, em sua residência. Biden está em Wilmington, no estado de Delaware, onde passará o réveillon acompanhado da família. Apesar de admitir "satisfação" com o telefonema, Putin advertiu os EUA que a imposição de sanções econômicas contra Moscou representaria um "erro colossal" e disse precisar que as conversas ofereçam "resultados". Horas antes da teleconferência, Putin se disse "convencido" sobre a possibilidade de ambos manterem um diálogo "eficaz" e calcado no "respeito mútuo".

Em 7 de dezembro passado, Biden e Putin se falaram por cerca de duas horas. O norte-americano prometeu uma "resposta forte" no caso de uma escalada militar na região — na ocasião, a Casa Branca deixou claro que os EUA e aliados lançariam mão de medidas econômicas incisivas e de outros tipos de sanção, sem dar detalhes. Putin, por sua vez, pediu a Biden garantias de que a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) não se expandirá rumo ao leste, um movimento visto como ameaçador pelo Kremlin.

Vitória

Professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla (Ucrânia), Olexiy Haran afirmou ao **Correio** que, apesar de poucos detalhes do conteúdo da conversa de ontem, Biden e o Ocidente apostam no engajamento diplomático com a Rússia. "É melhor dialogar do que ter uma confrontação militar. Minha percepção é de que Putin entenda esse intercâmbio com os Estados Unidos como uma 'vitória simbólica' perante a opinião pública russa, pelo fato de superpotências estarem conversando com ele e colocando-o como um ator importante na arena internacional", comentou. "Na essência, acho que a mensagem do Ocidente é a de reforçar que, em caso de invasão à Ucrânia, haverá pesadas sanções econômicas."

Para Haran, as exigências de Moscou para que a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) não mantenha laços militares com os países bálticos não passam de blefe. "É um tipo de propaganda do Kremlin. Duvido que o Ocidente faça qualquer concessão à Rússia. Espero que não haja uma invasão à Ucrânia, pois isso surtiria em tremendas consequências para todos os atores. Nós, ucranianos, não estamos em pânico. A vida continua, mas estamos cautelosos e temos aumentado nossa capacidade militar. Esperamos apoio adicional do Ocidente, pois essa é a única maneira de deter Putin", acrescentou o professor de Kiev. O especialista acredita que a retórica utilizada ontem por Biden possa persuadir Putin a recuar.

COVID-19

EUA têm 486 mil casos em 24 horas

Com o avanço sem precedentes da cepa ômicron pelo planeta, os Estados Unidos registraram, na última quarta-feira, um recorde mundial de casos da covid-19: 486.428 novas infecções em apenas 24 horas. Especialistas advertem que o número é subestimado, pois muitos norte-americanos preferem se submeter à testagem em casa, por meio de kits vendidos em farmárcia, além de apresentarem quadro assintomático. A média móvel de contágios chega a 265 mil contágios diários, a maioria deles provocada pela nova variante.

"A ômicron é 70 vezes mais contagiosa que a variante delta, mas não tão letal. No entanto, existe o risco de dano colateral. Os pacientes estão lotando as emergências dos hospitais e, ainda que o quadro causado pela ômicron não exija internação, os pacientes que precisam de atendimento de urgência, com enfarte ou embolia pulmonar, podem falecer", advertiu ao **Correio** o médico Joseph Varon, chefe da equipe do United Memorial Medical Center, em Houston (Texas). Ele contou que atende, diariamente, mais de 50 casos de infectados pela ômicron. "Na unidade de terapia intensiva, são 20 pacientes, dos quais apenas um tem ômicron. Todos os hospitalizados não foram vacinados. Estamos todos muito cansados", acrescentou.

Os Centros para Controle e Prevenção de Doenças (CDC, pela sigla em inglês) recomendaram à população que evite viagens de cruzeiro. O pedido vale inclusive para os imunizados. "Evite viagens em cruzeiros, independentemente do estado de vacinação. Mesmo os viajantes totalmente vacinados podem correr o risco de contrair e espalhar as variantes da covid-19", justificou o órgão, que atualizou o alerta de viagens marítimas para o nível 4, o mais alto na escala de risco para a covid-19.

Em todo o mundo, mais de 7,3 milhões de novos casos de coronavírus foram reportados nos últimos sete dias, apontou um balanço feito pela agência de notícias France-Presse. Em média, são 1.045.000 infecções diárias. Houve um aumento significativo de transmissão da covid-19 nos Estados Unidos e no Canadá, com 2.264.000 casos ou 83% a mais que na semana anterior e na Europa, com 4.022.000 casos (36% a mais). Espanha, Itália e Portugal também registraram, ontem, recordes: respectivamente, 161.688; 126.888; 28.659 infecções em 24 horas. (**RC**)

Joel Raedle/Getty Images/AFP

Fila em drive-thru para testagem, no Zoológico de Miami: ômicron dominante